

VIOLAÇÃO ONTOLÓGICA: Uma análise sobre a predeterminação existencial feminina em “Mulheres de Atenas” de Chico Buarque

Ayanne Larissa Almeida de Souza

Doutoranda em Literatura e Estudos Culturais pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Mestrado em Literatura e Estudos Culturais (UEPB). Graduada em História e Graduada em Filosofia pela mesma instituição. ayannealmeidasouza@hotmail.com

RESUMO

Neste trabalho, analisaremos a representação da figura feminina na música *Mulheres de Atenas*, do cantor e compositor Chico Buarque. A canção, composta em 1976 e lançada no álbum *Meus Caros Amigos*, do mesmo ano, faz uma intertextualidade com a sociedade da antiga Atenas clássica e da mitologia grega, como uma metáfora para uma crítica do papel relegado à mulher ontem e hoje, mostrando que essas “mulheres de Atenas” são atemporais e estão em todos os lugares. De acordo com o pensamento de Simone de Beauvoir e dos conceitos do existencialismo sartriano, pretendemos analisar, do ponto de vista ontológico, o *ser-mulher* apresentado na música e a violência ontológica sofrida pelo *ser-mulher* dentro da estrutura de valores da sociedade.

Palavras-chave: Representação feminina. Chico Buarque. Existencialismo.

ONTOLOGICAL VIOLENCE: AN ANALYSIS ABOUT THE FEMALE EXISTENTIAL PRE-DETERMINATION IN “MULHERES DE ATENAS” BY CHICO BUARQUE

ABSTRACT

In this paper, it is analyzed the representation of the female individual in the song *Mulheres de Atenas* by the Brazilian singer and composer Chico Buarque. The song, composed in 1976 and released in the album *Meus Caros Amigos*, from the same year, creates an intertextuality with the ancient Athens' society and the Greek mythology, as a critical metaphor against the role relegated to women now and then, showing that these “women from Athens” are timeless and they are everywhere. According to the theories of Simone de Beauvoir and Sartre's existentialism concepts, we intend to analyze, through the ontological perspective, the female representation presented in the song and the ontological violence suffered by women in society's set of values.

Keywords: Female representation. Chico Buarque. Existentialism.

1 INTRODUÇÃO

A partir da década de 1960, os movimentos feministas pelos direitos e liberdade da mulher ganham notoriedade com as discussões que geraram - e ainda geram - polêmica em torno do papel

Ayanne Larissa Almeida de Souza

social conferido às mulheres e aos homens. O questionamento do padrão no qual o ser que se colocasse sob o papel social do feminino deveria assumir fez eclodir protestos, lutas e, porque não, uma quase revolução mental no que diz respeito à condição existencial desse mesmo ser-mulher no mundo.

As mulheres, antes relegadas a meros seres secundários, coadjuvantes da natureza cujo protagonismo do papel masculino suprimia, passam dos bastidores ao palco da História, para retomar um pensamento de Maria Regina Celestino Almeida (2010). Os anos de 1960 foram de grande importância para a reflexão cada vez mais aguda e analítica que as mulheres passaram a ter sobre si mesmas, não só do ponto de vista social, porém de uma perspectiva muito mais abrangente: existencial.

Ao longo da História, as diversas opressões sofridas pelo ser-mulher nas várias sociedades decorrem pelo simples fato de serem donas de um órgão reprodutor específico. O mero detalhe de possuí-lo reduziria esse *ente* a um objeto apto a ser manipulado ao bel prazer dos verdadeiros sujeitos da História e da existência: os homens. Em muitas civilizações e em diferentes épocas, as mulheres foram relegadas a ser apenas um mal necessário à continuação da espécie e, conseqüentemente, da História. Aprisionadas na ignorância, da qual não tinham permissão para sair, visto a educação não ser considerada, por muito tempo, coisa de/para mulher, dedicavam-se ao que os homens haviam pré-determinado como sendo assuntos de caráter feminino, a saber: estética, casamento, maternidade.

A datar do século XIX, a perspectiva burguesa positivista e cientificista, instituída no âmbito da Literatura, objetivava a uniformização dos papéis que se constituíam como identidades sociais previamente estabelecidas, em uma inversão total do que apregoaria Sartre em meados do século XX: a existência não precedia a essência, mas era, antes, por esta limitada, condicionada e imposta. Uma população espalhada por extensos espaços geográficos deveria se reconhecer a partir de valores culturais e morais uniformizados que deveriam ser respeitados, defendidos e impostos. O particular, a esfera que seria capaz de abarcar as diferenças entre comunidades e individualidades, foi totalmente desconsiderada: era a padronização social, cultural, política, religiosa, moral, subjetiva, existencial.

Ayanne Larissa Almeida de Souza

Entretanto, cabe salientar que às mulheres lhes foi negada mesmo a subjetividade. Não eram reconhecidas enquanto individualidades. Essas personagens foram, por muito tempo, e hodiernamente continuam a ser, poetizadas e idealizadas, vistas sob um prisma de mistério e religiosidade, de fragilidade, irracionalidade, diabrura e sexualmente reificadas. Contudo, através dos aportes das discussões de gêneros, a mulheres passaram a ser analisadas enquanto atrizes sociais em conformidade com o que cada sociedade e época constrói e desconstrói no que diz respeito às maneiras de se comportar, de ser e estar no mundo e com outros, as relações sociais, culturais e de poder entre si e para com os homens. As mulheres tomaram uma perspectiva diferenciada de si, não mais existindo para os homens, mas, antes, para si próprias.

Sabemos, porém, que por muito tempo as relações entre mulheres e homens foram pensadas e exploradas com o intuito de manter e perpetuar um sistema de poder hegemônico centrado na figura do Homem, da identidade masculina como autoritária e superior, aquele que dita as normas socioculturais, privilegiados por sua posição justificada desde um ponto de vista biológico e, portanto, essencialista, ideal. A dominação masculina instala-se sobre as forças sociais como agentes pensadores as civilizações.

Levando o acima exposto em consideração, neste trabalho temos por objetivo apresentar a condição existencial feminina, trazendo como aporte teórico o pensamento da escritora e filósofa feminista Simone de Beauvoir e os conceitos *Em-si* e *Para-si* do existencialismo de Jean-Paul Sartre, mostrando como esta reificação do ser-mulher serviu e ainda serve para manter as mulheres em seu devido lugar: o lugar que os homens estipularam para que ocupem: O lugar do sexo frágil, da submissão social, econômica, política, sexual e existencial.

Para exemplificarmos o nosso trabalho, trouxemos a música *Mulheres de Atenas*, do cantor e compositor Chico Buarque, canção que causou polêmica e muitos maus entendidos. Mostraremos, através da referida música, a condição existencial pré-concebida da mulher e buscaremos refletir sobre a atemporalidade dessas mulheres de Atenas, presentes em todas as épocas e em todos os lugares.

2 O EXISTENCIALISMO E A LIBERDADE: A EXISTÊNCIA PRECEDE A ESSÊNCIA

Jean-Paul Sartre (1905-1980) incomodou muita gente quando publicou sua obra mais conhecida, *O Ser e o Nada* (1943), na qual trazia o seu sistema filosófico cuja espinha dorsal era a Liberdade. O Conceito de Liberdade sartriano, principal representante do Existencialismo ateu francês, parte do princípio de que, não existindo um deus que tenha concebido o universo, que teria criado tudo que existe, inclusive o ser humano, segundo um entendimento racional, mediante uma concepção pré-pensada, como um artesão que fabricasse um objeto para o qual já tivesse uma utilidade certa, não existiriam essências ou razões de ser.

Ao contrário do que pensavam os filósofos ateístas do século XVIII que, matando a deus, não suprimiram a ideia da precedência da essência sobre a existência, segundo a qual o ser humano teria uma natureza original, seria um “exemplo particular de um conceito universal de homem” (SARTRE, 2012a, p.19), Sartre inverte a sentença e afirma que há um ser cuja “existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por algum conceito” (op. cit., 2012a, p.19). Este ser é precisamente o humano. O ser humano existe primeiramente, toma consciência de si enquanto indivíduo, de sua condição de ente em face do mundo (facticidade) e só então definiria a si mesmo.

Consoante o pensamento de Sartre, o ser humano só será algo posteriormente e será aquilo que decidir ser, que se tornar, não sendo “nada além do que ele se faz” (SARTRE, 2012a, p.19). Não havendo um deus, não há natureza humana, não há papéis pré-determinados e não há nada fora do indivíduo que possa predeterminá-lo ou determiná-lo em seguida. O próprio indivíduo é o responsável por sua constante construção, um contínuo fazer-se, estando condenado à liberdade:

[...] Para a realidade humana, ser é escolher-se: nada lhe vem de fora, nem tampouco de dentro, que possa receber ou aceitar. Está inteiramente abandonada, sem auxílio de nenhuma espécie, à insustentável necessidade de se fazer ser até ao mais ínfimo pormenor. Assim, a liberdade não é um ser: é o ser do homem, quer dizer, o seu nada de ser. [...] O homem não pode ser ora livre, ora escravo; ele é inteiramente e sempre livre, ou não é. (SARTRE, 2012b, p.545)

Sartre se opõe terminantemente aos conceitos deterministas da sociedade. Em Sartre, o Ser enquanto ser é um nada, visto que está em constante transformação mediante as escolhas do indivíduo e, por isso, não existe uma personalidade em si mesma. Nisso, o pensamento sartriano aproxima-se muito da visão budista, a qual também nega o conceito de uma personalidade individual. Para sistematizar melhor a sua ideia, Sartre traz os conceitos do *Em-si* do *Para-si*,

Ayanne Larissa Almeida de Souza

através dos quais explica a diferença entre o ser especificamente humano e os outros seres que se apresentam.

O *Em-si* seria tudo aquilo que possui uma essência, uma natureza definida, pré-determinada. As representações objetivas seriam seres *em-si*, assim como o próprio indivíduo humano seria um *ser-em-si* em sua relação com o outro, pois o outro acessa apenas a sua representação objetiva, tal como acessa a realidade de uma caneta, de uma árvore, de um banco. O *Para-si* é a relação do ser mediante a sua consciência de ser, sempre um vir-a-ser nunca finalizado, sempre um nada de ser. Cada ser humano é livre e responsável por suas escolhas. Negar esta liberdade, justificando os atos em terceiros, seria o que Sartre chama de ter uma existência inautêntica, *Má-fé*.

3 SIMONE DE BEAUVOIR E O FEMINISMO EXISTENCIALISTA: QUE NADA NOS DEFINA

Simone de Beauvoir (1908-1986), é um dos ícones do pensamento feminista filosófico e sua filosofia mantém um dialogismo acentuado e profundo com a filosofia existencialista, principalmente o pensamento de Jean-Paul Sartre. Suas obras filosóficas e literárias induzem os leitores aos questionamentos de conceitos filosóficos que legitimem sua condição como sujeitos livres, como bem salienta Viana (2009). Encontrou no Existencialismo sartriano uma perspectiva através da qual a problemática sobre a condição existencial das mulheres poderia ser colocada.

Beauvoir percebeu que as mulheres foram violadas ontologicamente em sua condição existencial de exercer a liberdade, que é o próprio ser do ente especificamente humano. Às mulheres é vetado o agir livremente, o fazer escolhas, o construir-se a partir de sua própria definição, sem que sejam profanadas externamente por predeterminações e sujeitadas existencialmente a serem seres *em-si*, com uma finalidade pré-estabelecida, um papel pré-concebido, como se feita por um artesão para cumprir uma utilidade social. Analisando o pensamento de Beauvoir em relação à condição feminina, Nye nos diz que:

Cabe então perguntar: por que as mulheres aceitaram essa opressão? Se elas são livres, dado que um sujeito humano deve ser livre, por que tem de viver vidas tão restritas? A resposta de Beauvoir era invocar a noção sartreana de *má-fé* em todas as suas muitas formas. Os seres humanos são livres, mas podem impedir essa liberdade e, infelizmente, uma situação da mulher permite-lhe mais e melhores meios de enganar-se do que quaisquer outros grupos oprimidos. (1995, p.108)

Ayanne Larissa Almeida de Souza

De acordo com esse pensamento, Beauvoir traz em *Por uma moral da ambiguidade* (2005, p.125), a afirmação de que “o indivíduo é definido apenas por sua relação com o mundo e com outras pessoas, ele só existe por transcender a si”. Entretanto, contrário a essa liberdade, as mulheres sempre foram consideradas como objetos por sua condição biológica e que, por isso, podiam ser manipuladas como qualquer outro objeto. Em muitas sociedades, a mulher sequer foi considerada como um ser social e político ou mesmo uma existência especificamente humana. Foi-lhe negado ontologicamente o conscientizar-se enquanto ser livre e igual perante o homem. Ao negar-lhe o direito à educação, ao ler e escrever, ao trabalho, à subsistência, negando-lhe mesmo a liberdade básica e original do existir e depois determinar-se, foram mantidas na submissão e dependência masculinas para tudo, até mesmo para existir, uma vez que em diversas sociedades o pai tinha o poder de decretar a morte caso lhe nascesse uma filha.

O discurso masculino criou a mulher como um outro e a própria mulher via-se – ainda se vê -, de fato, como este outro, aceitava passivamente ser esta face enigmática e terrorífica, enquadrou-se dentro dos papéis que os homens criaram para si para responder às necessidades masculinas: objeto sexual, reprodução da espécie, maternidade e mantenedora desta mesma espécie, cujo objetivo era passar às gerações seguintes as regras do jogo binário, ensinar, principalmente, às meninas o devido lugar que lhes cabia.

Essa essencialização da mulher, a criação de uma ser-mulher acima e além do ser-mulher enquanto ser-aí, enquanto existência individual no mundo, muito mais do que uma imposição tornou-se uma interiorização, naturalizando-se como sendo algo próprio ao comportamento feminino, alguma coisa que não poderia ter sido jamais de outra forma. Esperava-se esse desempenho por parte delas, assim deveriam agir, e as mulheres terminaram por se transformarem em hábeis vigilantes das ações e práticas de outras mulheres a fim de observar se estas se dispunham ou não às máscaras esperadas para si.

Como bem observa Medeiros (2017), não admitir a responsabilidade que os homens possuem perante a condição existencial e social da mulher é agir de *má-fé*. Porém, Beauvoir salienta que há um consenso por parte do oprimido em relação ao opressor, a vítima é cúmplice do oprimente. Segundo Beauvoir, em sua obra *O Segundo Sexo*, “as mulheres fazem-se ardentemente cúmplices de seus senhores” (2016, p.438), pois mulheres burguesas defenderão antes os interesses de sua classe e não os direitos das mulheres operárias, sem importarem-se de sacrificar, por isso, sua

Ayanne Larissa Almeida de Souza

própria autonomia como ser humano. Suprimem em si mesmas, segundo a autora, “todo pensamento, todo juízo crítico, todo impulso espontâneo” (2016, p.438), fazendo eco aos discursos aceitos, confundindo-se com a definição que os homens lhes impõem. Como acrescenta a pensadora, passando o discurso machista e sexista de geração em geração, as mulheres buscam “com um zelo em que a arrogância se mistura ao rancor” (2016, p.26), transformar a menina em “uma mulher semelhante a si próprias” (2016, p.26). Tolhidas, reprimidas, moldadas e violadas existencial e socialmente, as mulheres tornam-se reificadas e encaixam-se comodamente dentro dos pequenos e desconfortáveis papéis estabelecidos pelo sexo dominante, transformando-se em servas e ídolos.

Ao aceitarem ser colocadas na condição de inferiores, submissas, consentindo de maneira passiva na determinação existencial masculina, sufocando a própria base existencial especificamente humana que é a liberdade, as mulheres são vistas como cúmplices por Beauvoir. A mulher se submete ao homem e leva adiante não o próprio projeto existencial, mas o do outro. Sua identidade é definida e determinada pelo homem, que é ao mesmo tempo o masculino e o neutro. Entretanto, o pensamento existencialista de Beauvoir dá às mulheres a perspectiva de inverter esse papel e de redefinir a sua existência, questionando as determinações masculinas e o papel estabelecido pelo homem, recusando as fronteiras impostas pelo masculino, a mulher assume-se no mundo, passa a existir ontologicamente e a definir-se por si mesma.

Como muito bem nos demonstra a máxima mais conhecida do pensamento de Beauvoir, “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (2016, p.11), a filósofa mostra que a mulher está presa a um papel e a um destino pré-determinado e definido pelo homem e que há sérias e complexas contrariedades quando a mulher tenta, por qualquer meio, subverter este papel imposto pelo dominante. A ambição feminina de emancipar-se social e existencialmente, cuja independência financeira, com os começos do trabalho feminino no século XIX, deu talvez a mais importante base, embora sem receber por seu trabalho os benefícios morais e sociais que tem por direito, sempre é sublevada e descaracterizada por um discurso cujo principal e mais cruel defensor são outras mulheres. Determinações físicas, sociais, psicológicas, culturais, religiosas reprimem a mulher. A máxima de Beauvoir traz consigo a afirmação de que:

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o

Ayanne Larissa Almeida de Souza

castrado, que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. (2016, p.11)

Em outras palavras, quando a mulher se sujeita a ser as escolhas feitas por outros ao invés de realizar suas próprias escolhas, ela opta por não-ser. O fator biológico de possuir um falo obviamente desempenha um papel relevante na segregação das mulheres e como bem acentua Beauvoir (2016), a vantagem de se ter um órgão sexual que se pode ver e pegar dá ao homem a desvantagem de alienar-se a ele. A luta pelos direitos femininos poderia ser vista também sob o ponto de vista da Revolta camusiana. Pela negativa, o Homem Revoltado camusiano ao dizer não à sua condição existencial diz sim a si mesmo, porque encontra em si algo que merece ser valorizado. Em *O Homem Revoltado*, Albert Camus (1913-1960) inicia seu pensamento com o seguinte parágrafo:

O que é um homem revoltado? É um homem que diz não. Mas, se ele recusa, não renuncia: é também um homem que diz sim, desde seu primeiro movimento. Um escravo, que recebeu ordens durante toda a vida, julga subitamente inaceitável um novo comando. Qual é o significado deste “não”? (CAMUS, 2017, p.23)

Do ponto de vista da condição existencial do ser-mulher, significa a revolta contra a condição absurda da determinação existencial, submissão e inferiorização sociais por parte dos homens ao longo dos tempos e em todos os lugares. A mulher reconhece o absurdo de sua existência, de seu dia-a-dia, de sua rotina, e faz-se a pergunta capital: por quê? A revolta camusiana levada para a questão feminina apoia-se na recusa de uma intromissão existencial por parte dos homens reconhecida como intolerável e violadora e na certeza de um direito ontológico de existir e definir-se surrupiado pelo outro.

4 AS (HODIERNAS) MULHERES DE ATENAS: A ATENAS CLÁSSICA É AQUI!

A música *Mulheres de Atenas*, de Chico Buarque e Augusto Boal, causou polêmica e muitos maus entendidos na época em que foi gravada, 1976, auge da ditadura militar de Geisel. O público feminino reagiu agressivamente diante dos versos “mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas”, que abre, repetidamente, cada estrofe da canção, pontuando um contexto ironicamente machista, exaltando o “orgulho e a raça”, “a força e o poder” dos “bravos guerreiros”, “heróis e amantes” de Atenas. Com uma estrutura quase medievalista, a música parece ser quase uma petição às mulheres para que olhem àquelas mulheres e comportem-se como elas.

Ayanne Larissa Almeida de Souza

Com um sarcasmo apenas presente em um grande gênio da música, Chico Buarque, através do recurso do escárnio, de uma quase comicidade baudelairiana, o homem que ri de si próprio, recria o mundo de dois grandes clássicos da literatura ocidental, a *Ilíada* e a *Odisseia*, trazendo dois arquétipos femininos mitológicos, Penélope (esposa de Ulisses ou Odisseu) e Helena (estopim da famosa guerra que interpôs gregos e troianos), para clamar: mulheres, mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas, mirem-se e não sejam como elas, não continuem o mito do eterno feminino!

A violência ontológica sofrida pelas mulheres em sua condição existencial na música, sujeitadas existencialmente a serem seres *em-si*, com uma finalidade pré-estabelecida, não advém de instintos ou de uma natureza original que as destinariam à passividade, à maternidade, ao casamento, mas sim devido à intervenção de uma educação que lhes impõe a sua vocação de maneira imperiosa e autoritária. Ao homem é-lhe ordenado libertar-se desde pequeno; às mulheres, o dever de alienar-se de sua pessoa e considerar-se como um objeto inerte. Em muitas sociedades e em diferentes épocas, a única e exclusiva função da mulher era produzir filhos legítimos para os maridos. Em relação a isso, Brandão (1989, p.35) nos diz:

A função primeira da mulher é dar ao marido um *herdeiro*, talvez um casal. A conselho de Platão, deve parar por aí... Quando não têm filhos, é devolvida aos pais. Se o homem casa é para assegurar a continuidade da família e da pólis, repudiar a mulher estéril é cumprir um dever religioso e patriótico. Aliás, o homem podia abandonar a esposa ao seu bel-prazer, tendo apenas neste caso, que devolver o dote. [...] O adultério da mulher tornava obrigatório o repúdio, sob pena de [...] desonra pública (para o marido), com privação total ou parcial dos direitos políticos. Quando o divórcio fosse requerido pela mulher, por servícias ou maus tratos infligidos pelo marido, o processo era difícil e moroso. O adultério cometido pelo marido era outro assunto [...] e não dava à mulher qualquer direito de pleitear a dissolução do vínculo matrimonial.

Na música, os dois protótipos femininos são colocados dentro dos papéis pré-concebidos pela sociedade patriarcal machista como sendo papéis naturais da mulher: os cuidados com a beleza estética, o casamento, a maternidade. Segundo Beauvoir (2016), desde pequena a mulher aprende que, para agradar aos homens, sendo este o primordial dever visto ser apenas um objeto sem qualquer importância existencial, é preciso ser bela, compassiva, compreensiva, obediente e afetuosa e a mulher procura incansavelmente parecer-se com a imagem que os homens idealizam dela. Fantasia e tenta comparar-se aos estereótipos que o homem cria para que ela possa espelhar-se. Desse modo, a passividade que deve caracterizar a mulher é um traço desenvolvido ao longo de sua educação para um ser-mulher. A mulher tenta alcançar um modelo de eterno feminino estabelecido por homens, que só existe e só visa responder aos anseios e interesses do masculino.

Ayanne Larissa Almeida de Souza

Citando Xenofonte, Brandão (1989, p.37), nos traz as palavras da personagem Isômaco, de *Econômico*, quando fala sobre as virtudes da esposa ideal:

- Que poderia ela saber, quando a recebi, Sócrates? Ainda nem havia completado quinze anos, quando veio para a minha casa, tendo até então vivido sempre sob a mais severa vigilância, para que nada visse ou ouvisse a seu redor e muito menos perguntasse. Que poderia eu desejar mais – não te parece que encontrar nela alguém capaz de cuidar de lâ, preparar as vestes e bem comandar a tarefa das fiandeiras? Crê, Sócrates, que para inculcar-lhe a sobriedade, a educação que lhe deram foi adequada...

E em seguida, ainda citado por Brandão (1989, p.38-39), uma declaração da mesma personagem sobre a superioridade masculina:

- Diz-me, mulher, começa agora a compreender por que te recebi e por que teus pais te entregaram a mim? Não me teria sido difícil encontrar outra companheira que viesse partilhar comigo o leito; e tu mesma, estou certo, já te apercebeste disto. Só depois de muito refletir, eu e teus pais, no meu e no teu interesse, sobre os meios de construir um lar e assegurar descendência, foi que te acolhi, do mesmo modo que teus pais hão de ter visto em mim a melhor escolha para uma filha sua.

Mulheres, como na canção, que “se perfumam, se banham com leite, se arrumam”, que quando agredidas “não choram, se ajoelham, pedem, imploram mais duras penas, cadenas”, “que tecem longos bordados, mil quarentenas” demonstram que, quanto mais amadurecem, mais a distância existencial e social é demarcada entre o papel estabelecido para si e o ofertado aos homens. O universo masculino engrandece e amplia-se. A ação, o conhecimento, a escolha, a liberdade que são dados aos homens e negados às mulheres fazem com que estas tomem consciência, segundo Beauvoir (2016), de que não são as mulheres, mas os homens os donos do mundo.

De acordo com Beauvoir (2016), tudo concorre para afirmar essa ordem aos olhos femininos. A história, a literatura, a filosofia, a música, os mitos são sempre exaltações do masculino:

São os homens que fizeram a Grécia, o Império Romano, a França e todas as nações, que descobriram a Terra e inventaram todos os instrumentos que permitem explorá-la, que a governaram, que a povoaram de estátuas, de quadros e de livros. A literatura infantil, a mitologia, contos, narrativas relatam os mitos criados pelo orgulho e os desejos dos homens: é através de olhos masculinos que a menina explora o mundo e nele decifra seu destino. A superioridade masculina é esmagadora: Perseu, Hércules, Davi, Aquiles, Lancelot, Duguesclin, Bayard, Napoleão, quantos homens para uma Joana D’Arc; e, por trás desta, perfila-se a grande figura masculina de São Miguel Arcanjo! (BEAUVOIR, 2016, p.34)

A maior satisfação para a mulher passa a ser, então, a conquista do coração masculino e, para isso, na maior parte das vezes, não lhe são pedidas outras virtudes a não ser a beleza, tornando-se esta uma verdadeira obsessão. Brandão (1989, p.39) afirma que, levando isso em consideração, podemos imaginar o modelo ideal de uma Penélope do século V a.C., em Atenas, “caseira, calada,

Ayanne Larissa Almeida de Souza

discreta, diligente, laboriosa, fiel, econômica, submissa”. Enquanto o homem desempenha o papel do herói, à mulher cabe sempre o lugar de mártir: resignada, perdida, sofredora, morta.

O único destino da mulher na sociedade é o casamento, embora o mesmo apresente-se de maneira totalmente diversa para homem e mulher. Beauvoir (2016) nos diz que o homem é visto como ser autônomo e a sociedade exige dele que a perpetue, precisando ele de sua contraparte feminina e a mulher sempre foi dada em casamento aos homens por outros homens. Entretanto, a poligamia sempre foi tolerada para os homens, enquanto a mulher lhe devia a virgindade e uma fidelidade rigorosa. Sobre o casamento na Atenas clássica, Brandão (1989) afirma que não há, no idioma grego, qualquer palavra que se refira ao casamento e que, hodiernamente, os termos que designam esta ação mudam lexical e morfológicamente quando diz respeito ao homem e à mulher: para os homens, os termos são verbais, para as mulheres, nominais.

Seguindo as explicações de Brandão (1989) sobre o casamento para homens e mulheres nas antigas cidades gregas, ele nos diz que o termo em grego para “casar” em relação ao homem diz respeito a “assenhorear-se de uma mulher”, “tomar alguém por esposa”, enquanto para as mulheres, significaria “ser tomada por alguém como esposa”, ser casada com alguém”, “dada em casamento”, em outras palavras, um papel sempre passivo:

[...] a mulher funciona no casamento como *objeto* e não como *sujeito*: a mulher não se casa, é casada; em outras palavras: ela não realiza um ato, mas muda de condição ou a tem mudada por interferência de outrem. [...] O casamento significa para ela não um ato, mas uma destinação: é dada e conduzida “para o fim precípua do *matrimonium*, de *ire in matrimonium*, de ser conduzida ao casamento para exercer a função legar de *mater*, de mãe.

Como nos diz a música, os homens sempre tiveram o direito de “embarcarem como soldados”; “retornarem sedentos”; “arrancarem, violentos, carícias plenas e obscenas” ao “voltarem para os braços de suas pequenas Helenas”, depois de se “entupirem de vinho” e terem “buscado o carinho de outras falenas”; enquanto as mulheres deviam apenas “despir-se para os seus maridos” e “gerarem os novos filhos de Atenas”, pois “a própria sociedade pede à mulher que se faça objeto erótico” (BEAUVOIR, 2016, p.332), uma vez que elas:

[...]
Não tem sonhos
Só tem presságios:
O seu homem, mares,
Naufrágios,
Lindas sirenas... morenas
[...]

Ayanne Larissa Almeida de Souza

Sem nenhuma possibilidade de influenciar o futuro ou o universo, pois só conseguem fazer-se existir por intermédio do homem:

[...]
As jovens viúvas marcadas
E as gestantes abandonadas
Não fazem cenas.
Vestem-se de negro,
Se encolhem,
Se conformam
E se recolhem às suas novenas,
Serenas.
[...]
Secam por seus maridos,
Orgulho e raça de Atenas.

Pois a mulher, como salienta Beauvoir, (2016), não foi criada para si mesma, mas para companheira do homem e feita de uma costela dele, sujeitando-se ao seu benfeitor para toda a existência terrena e para além dela pelo poder de um Deus, mais um olhar de homem, que lhe deu uma personalidade culpada sem o direito de governar a própria existência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, percebemos que a intertextualidade que Chico Buarque mantém com a sociedade da antiga Atenas clássica e da mitologia grega na canção *Mulheres de Atenas*, serve como uma metáfora para uma crítica do papel relegado à mulher ontem e hoje na sociedade, mostrando que essas “mulheres de Atenas” são atemporais e estão em todos os lugares.

O masculino hodierno ainda acredita que a mulher é um ser à parte, posta neste papel “pela preguiça e pela corrupção” dos homens (LAFORGUE apud BEAUVOIR, 2016, p.541). Destino fisiológico algum impõe aos machos e fêmeas quaisquer papéis dentro da existência e da sociedade. A mulher é escravizada à imanência, pois a sociedade encriptada pelos homens decreta que a mulher é inferior e deve submeter-se. Porém, não foi qualquer essência imutável e natural ou escolha equivocada e condenável que a encarcerou. Essa situação lhe foi imposta.

A ideia de binarismos sociais traz sobre si um determinismo aferrado das condutas de homens e mulheres, sendo cada qual destes atores e atrizes sociais obrigados a agirem de acordo com suas posições na sociedade. Os projetos hodiernos promovidos pelos movimentos feministas do século XX ofereceram às mulheres munição para questionar seu papel social e mais, sua própria condição

Ayanne Larissa Almeida de Souza

existencial. Não há natureza feminina, esta é construída sócio e culturalmente, interiorizada psicologicamente e afirmada religiosamente, posta em prática, muitas vezes, pela repressão e vigilância sociais. Não se nasce mulher, torna-se: com esta máxima, Beauvoir afirmou a violência ontológica sofrida pelas mulheres em sua condição de liberdade, de individualidade, de subjetividade, não somente no que diz respeito às mulheres, mas também aos homens, igualmente predeterminados por um papel social e existencial.

Com as lutas femininas, tal combate assume outros aspectos e os homens, de má vontade, liberam as mulheres da opressão, pois agradam-lhe, como salienta Beauvoir (2016, p.543), permanecerem como “o sujeito soberano, o superior absoluto, o ser essencial”, recusando-se a considerar, verdadeiramente, a mulher como uma igual, fazendo com que esta conteste a sua desconfiança com agressividade. Como ressalta ainda Beauvoir, as mulheres lançam-se ao assalto por seus direitos, mas veem seus esforços anulados pela parte privilegiada. Sendo, pois, duas transcendências que se enfrentam, é necessário que se reconheçam mutuamente ao invés de uma liberdade querer dominar a outra.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

_____. **Por uma moral da ambiguidade**. Tradução de M. J. de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Helena – O eterno feminino**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.

BUARQUE, Chico; BOAL, Augusto. **Mulheres de Atenas**. Rio de Janeiro. PHILIPS, 1976.

CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. Tradução de ValerieRumjanek. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

MEDEIROS, Alexandre. **Simone de Beauvoir**. 2017. Disponível em: <https://www.portalconscienciapolitica.com.br/filosofia/politica/filosofiacontempor%C3%A2nea/existencialismo/simone-de-beauvoir/> Acesso em: 31/01/2018.

NYE, Andrea. Um mundo sem mulheres: o feminismo existencialista de Simone de Beauvoir. In: _____. **Teoria feminista e as filosofias do homem**. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1995. pp. 95-141.

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012a.

Ayanne Larissa Almeida de Souza

_____. **O Ser e o Nada**. Tradução de Paulo Perdigão. 21. ed. Petrópolis, RJ:
Vozes, 2012b.

VIANA, Márcia R. **A literatura e a Filosofia de Simone de Beauvoir**. História, Imagens e
Narrativas, n.8, abr. 2009. pp.1-6.